

BLUMENAU

em Cadernos

TOMO II

OUTUBRO DE 1959

N.º 10



BLUMENAU

EM CADERNOS

Tomo II

O U T U B R O D E 1 9 5 9

N.º 10

BLUMENAU NA ALEMANHA

Werner AHRENS

Nomeado membro do júri da Exposição Filatélica Internacional "INTER-POSTA", realizada em Hamburgo, de 22 a 31 de maio, último, e representando o Brasil no Congresso da *Fédération Internationale de Philatélie*, tive a oportunidade de visitar a Alemanha, minha pátria, da qual vim, em dezembro de 1923, para o Brasil.

Há vinte anos atrás, pouco antes do começo da segunda guerra mundial, eu realizeira a última visita à minha terra.

E, atendendo a um ardente desejo, transmito aos leitores de "Blumenau em Cadernos" algumas notas que se relacionam com Blumenau.

Em primeiro lugar, visitei, em Hamburgo, a senhora Gertrudes Sierich, filha do Dr. Hermann Blumenau. A mãe dela e a minha avó paterna eram irmãs e, desde menino, em Hamburgo, no começo deste século, estive em contato com estes parentes.

A antiga residência da senhora Sierich, incendiou-se em consequência dos bombardeios de Hamburgo, na última guerra. Foi construída, no mesmo terreno, uma residência nova, a qual tem um belo jardim nos fundos, até um lindo lago, formado pelo rio Alster.

Encontrei a senhora Sierich, apesar da avançada idade, em plena saúde e lucidez. Conversamos por mais de uma hora, num amplo terraço, que dá para o jardim, falando quase somente de Blumenau e do Brasil.

Para alcançar o referido terraço, passamos pela sala de estar, na qual se encontram muitas lembranças de Blumenau, que também é motivo de todos os quadros pendurados nas paredes.

Também encontrei, ali, a bandeira brasileira, oferecida pelo Rotary Internacional, por ocasião do almoço comemorativo do centenário da cidade de Blumenau, em 1950, no qual tomei parte. Nesse sentido, o ambiente da residência de Frau Sierich pode ser considerado "Blumenau em Hamburgo".

Eu levarei um número de "Blumenau em Cadernos" para mostrar à filha do Dr. Hermann Blumenau como, com grande carinho, os atuais blumenauenses estão se interessando por conservar todos os acontecimentos históricos da cidade fundada, em 1850, por seu pai, e das outras partes do Vale do Itajaí. A senhora Sierich, ficou muito satisfeita em tomar conhecimento desta revista mensal, que se publica desde janeiro de 1958 e me pediu que transmitisse à redação, e a todos os colaboradores, o seu agradecimento pela preservação da história daquela parte do Brasil, onde nasceu e viveu a sua infância, manteve ininterrupto contato com habitantes da cidade natal. Ela sente muito não ter suficientes conhecimentos da língua vernácula para apreciar melhor "Blumenau em Cadernos" e faz votos pela constante prosperidade desta valiosa publicação.

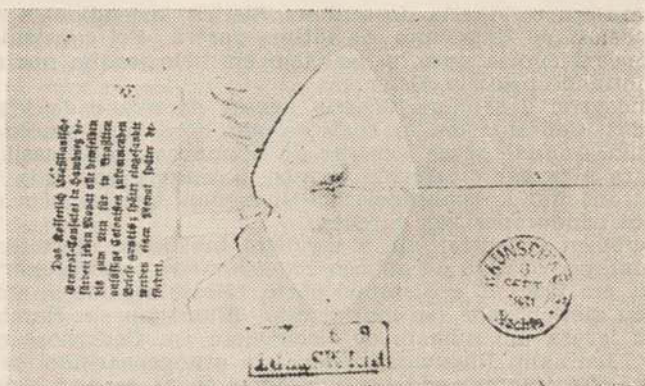
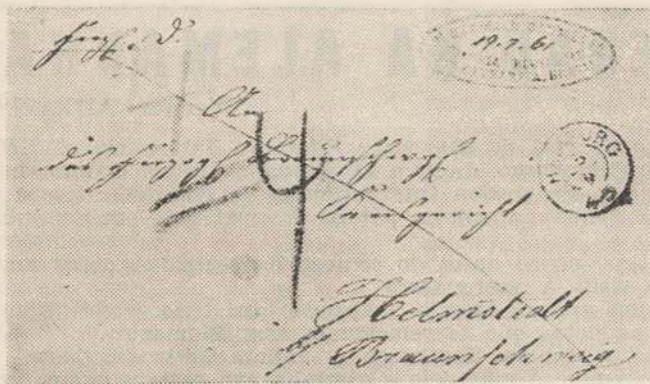
Durante a Exposição Filatélica, reuniu-se, entre outras, a "Associação de Colecionadores de Cartas Pré-filatélicas", isto é, da época anterior ao uso dos selos postais. Nessa ocasião, o sr. Fritz Gerhard, de Brunswick, um colecionador

especializado de documentos, cartas e selos referentes à história postal daquele ducado, me mostrou uma carta mandada pelo dr. Hermann Blumenau, para o Forum Ducal Brunswiguense, de Helmstedt. Tratava-se de uma fôlha de carta dobrada, sem envelope, como antigamente em geral, fechado por uma etiquêta.

A parte da folha dupla, com o respectivo texto da comunicação, parece que ficou no arquivo do Forum, de maneira que sômente foi possível examinar a parte da carta com as marcas postais.

É pouco conhecido que o Regulamento Postal, conforme o decreto n.º 254, de 29 de novembro de 1842, pelo qual foram introduzidos, no Brasil, os selos postais, estabeleceu franquia postal para as cartas de colonos. O artigo 13, § 2.º do referido decreto, reza:

“São isentos de porte as cartas que os colonos dirigirem às pessoas residentes no país de que tiverem emigrado”.



Verso e anverso da “carta de colono”, a que o presente artigo se refere.

Particularidades desta franquia postal, encontram-se no decreto n.º 296, de 19 de maio de 1843, como segue :

“Art. 8.º — Sômente gozarão do benefício da isenção do pagamento do porte das cartas, outorgado aos colonos pelo art. 13 § 2.º do Regulamento n.º 254, de 29 de novembro de 1842, aquêles estrangeiros, que fizerem parte de alguma companhia ou estabelecimento, autorizado pelo govêrno à título de colônia, ou a tais companhias e estabelecimentos, se acharem adstritos ou subordinados.

Art. 9.º — Para se lhes fazer efetivo este benefício, serão as cartas que forem levadas ao correio do lugar da residência dos colonos, marcadas com um carimbo privativo da companhia ou estabelecimento, o qual, anteriormente há de ter feito conhecer às administrações e agências respectivas”.

A citada carta do Dr. Hermann Blumenau é uma “carta de franquia de colono”, documento filatélico de grande raridade, de vez que, até hoje, não é conhecida nem meia dúzia de cartas desse tipo, em mãos dos colecionadores especializados. Estas cartas, com franquia de colonos, foram mandadas ao Brasil, por via oficial, ao consulado geral do Império do Brasil em Hamburgo, onde as mesmas eram confiadas aos correios locais para serem entregues aos destinatários na Europa.

No anverso da carta em questão, no ângulo superior direito, encontra-se um carimbo ovalado, azul, em circunferência, com a inscrição: “DR. HERMANN BLUMENAU — COLONIA BLUMENAU — STA. CATARINA — BRAZIL” e no centro deste carimbo foi marcada, à tinta, preta, a data de 19.7.61. Debaxo daquele carimbo, encontra-se o carimbo de despacho do correio do reinado de Hannover, estabelecido em Hamburgo, com a data de 5 de setembro, o qual cuidava da remessa de correspondência, daquela cidade hanseática para localidades situadas no reino de Hannover, e no ducado de Brunswick. No verso, encontramos o carimbo postal da passagem por Brunswick e o da chegada em Helmstedt, ambos do dia 6 de setembro de 1861. A carta dobrada, foi fechada, no verso, por uma etiqüeta ovalada, em relêvo, com as armas do ducado de Brunswick, e o texto pouco legível: “CONSULAT DE..... DE BRUNSWICK”. O mais interessante, entretanto, é uma etiqüeta retangular amarela, de 57 x 35 milímetros, aplicada, provavelmente em Hamburgo, com o texto seguinte:

“Das Kaiserlich Brasilianische General-Consulat in Hamburg befördert jeden Monat alle demselben bis zum 2ten für in Brasilien ansässige Colonisten zukommenden Briefe gratis; später eingesandte werden einen Monat später befördert”.

(“O Consulado Geral do Império Brasileiro em Hamburgo mandará, cada mês, tôdas as cartas a êle entregues até o dia 2 e destinadas a colonos residentes no Brasil, gratuitamente; cartas entregues mais tarde, seguirão no mês seguinte”.)

Até a introdução da linha francesa de vapores, com saídas de Bordéus para o Rio de Janeiro, em fins de 1860, sômente existiu uma única linha regular de paquêtes, da Europa para o Brasil, com partidas de Southampton, a começar de 1851, para os quais a mala fechava, em Londres, mensalmente, nos dias 5 ou 6. (Antes de 1851, os paquêtes inglêses eram veleiros, que saíam de Falmouth).

Esta etiqüeta, usada pelo Consulado Geral do Império Brasileiro, em Hamburgo, para chamar a atenção dos destinatários da correspondência, para a possibilidade de franquia postal das cartas para os colonos residente no Brasil, era completamente desconhecida dos filatelistas nacionais, até a descoberta que consegui fazer, agora, na Alemanha. A referida carta, foi retirada do arquivo do Forum de Helmstedt, em 1932, aproximadamente, e desde aquêlo tempo encontra-se na coleção do sr. Fritz Gerhard, que teve a gentileza de m'a mostrar. Mandei tirar fotografias da frente e do verso da carta, para ter uma documentação em minha coleção.

Finalmente, posso comunicar que se encontra guardado, no Arquivo Oficial do Land Niedersachsen (Niedersächsisches Staatsarchiv, Wolfenbüttel, Forstweg) o arquivo particular do Dr. Hermann Blumenau. Tôda aquela papelada achava-se fechada, numa caixa, no porão da residência da senhora Gertrudes Sierich, em Hamburgo, a qual, durante a guerra, foi destruída por um incêndio. Por feliz acaso, encontrou-se, no porão, sob os escombros, ainda intato, o referido caixote, e a senhora Sierich, então, resolveu mandar tôda a documentação para o referido arquivo oficial, localizado em Wolfenbüttel, perto da cidade de Brunswick.

Visitando uma irmã, em Wolfenbüttel, tive a possibilidade de procurar aquê-lo arquivo, onde fui gentilmente atendido. Infelizmente, o meu tempo era muito escasso, pois não tinha disponível senão pouco mais de uma hora. Foi me apre-

sentado um índice do material guardado, do qual escolhi três volumes de "correspondência"; à procura de coisas filatéticas interessantes para as minhas pesquisas. Tratava-se de embrulhos contendo correspondência, relatórios em português e alemão, diplomas, faturas, etc. etc. Do ponto de vista filatélico, nada de interessante foi encontrado. Entre os diplomas, entretanto, anotei dois:

- 1 — Diploma da Exposição Nacional do Brasil, Rio de Janeiro, 13-3-1862. Menção honrosa — Dr. Blumenau. (Nachlass Blumenau XIII 2, ano de 1861.)
- 2 — Diploma de 17-7-1875: "Cavaleiro da Ordem de N. Senhor Jesus Christo" com a assinatura de S. Majestade o Imperador D. Pedro II. (Nachlass Blumenau XIII 3 - ano 1875).

Para estudar todo esse arquivo particular do Dr. Blumenau, precisar-se-ia de muito tempo. Sem dúvida alguma, trata-se de material valioso para o estudo da história da cidade de Blumenau. O "Niedersächsisches Staatsarchiv" se mostrou disposto a fornecer, mediante pagamento, fotocópias de quaisquer dos documentos arquivados. É pena que todos esses documentos se encontrem na Alemanha e não em Blumenau, para ser aproveitado, ao máximo possível.

Em todo caso, foi descoberta a existência deste material, e os interessados em pesquisas históricas podem se dirigir àquele arquivo oficial, em Wolfenbüttel.

Foi o que encontrei na Alemanha, durante a minha viagem de maio a agosto, com referência a Blumenau.

NÃO é de hoje que os católicos e protestantes de Blumenau, vêm dando um belo exemplo de tolerância religiosa. Têm eles sabido conviver pacificamente, cada qual cumprindo os seus deveres religiosos, como verdadeiros cristãos que todos são, sem preconceitos condenáveis. Já em 1867, o diretor interino da Colônia, Hermann Wendeburg, a propósito da remoção do padre Francisco Gattone, de Gaspar para Brusque, dirigia ao presidente da província, o seguinte ofício, do qual bem transparece a sua preocupação de que não se criasse desarmonias entre colonos de credos diferentes: "N.º 16 — Colônia Blumenau, 15 de maio de 1867. Consta-me que o padre da freguesia de São Pedro Apóstolo, senhor Gattone, também vigário desta colônia, mudando para a colônia Itajaí, haja de ser incumbido com o engajamento de outro padre em seu lugar. Venhor, por isso, respeitosamente, rogar a V. Excia. dignese encarregar com esta comissão, de escolher outro padre para a dita freguesia e para os católicos desta colônia, o sr. dr. Hermann Blumenau, o qual, estando ainda na Alemanha, me parece o mais apropriado para escolher um sacerdote, que tenha bastante tolerância, prudência e benignidade para poder administrar, com feliz sucesso, o seu emprêgo importante, em uma colônia que tanto depende do bom entendimento entre católicos e protestantes, que devem morar e viver uns perto dos outros e onde a intolerância de um padre não deixará de tornar-se muito perniciosa e de grande inconveniência." Excusado é dizer-se que o pedido não teve, logicamente, solução favorável. Mas o vigário, que substituiu o padre Gattone, embora não engajado pelo dr. Blumenau, foi homem justo e tolerante.



A primeiro de agosto de 1878 foi suprimida a "Guarda de Batedores de Mato, de que era chefe Frederico Deeke. O Dr. Blumenau, em ofício de 11 de setembro, seguinte, à presidência da Província protesta contra esse ato, enumerando os muitos serviços que a guarda prestava à colônia.

MEMORÁVEL JUBILEU

Cristiana Deeke BARRETO

Aproximando-se a data cinquentenária do Hospital Santa Isabel, o assunto entra em justificada evidência, com as costumeiras iniciativas para as solenidades comemorativas da efeméride, e festejos, em benefício das obras de mais um amplo edifício de vários andares, em vias de conclusão, e integrado no conjunto das diversas alas do moler nosocômio.

Como sempre ocorre à proximidade de tais acontecimentos, a nossa imaginação se detém em peregrinação pelos domínios do passado e vai aos começos do empreendimento e às suas razões básicas, revivendo as imagens e aspectos de outrora, gravados na nossa memória.

Neste retrospecto, eu não encontro a lembrança do primeiro estabelecimento hospitalar, inaugurado em outubro de 1909, instalado em modesta casinha, acrecido, logo depois, de construções precárias, de emergência.

Eu era menina, então, e morava com meus pais num lugar distante, neste extenso e rico Vale do Itajaí, mas ainda pertencente ao vasto município de Blumenau.

Conheci, isso sim, o médico, por insistência do qual, as Irmãs Missionárias da Ordem da Divina Providência, que até então praticavam o serviço ambulante de enfermagem na nossa cidade e regiões circunvizinhas, estabeleceram o mencionado hospital.

Era o doutor Ernesto Sappelt que, antes de estabelecer-se nesta cidade, havia imigrado da Europa para a recém-fundada colônia de Hansa-Hammônia, onde moravam meus pais e era êle o "titio doutor" que tratava de nós, crianças, durante as primeiras enfermidades. Lembro o entusiasmo com que atendíamos aos convites, para irmos à sua casa, onde, na balaustrada da varanda, passeava uma cotia mansa, que atendia pelo nome de "Strietzelmännchen", presa por uma coleira ligada à fina corrente; e, num cercado do pomar, havia um meigo veadinho.

Depois de sua mudança para Blumenau, recordo-me apenas de uma visita à sua casa, nas proximidades da atual rua Dr. Sappelt e da notícia, muitos anos depois, da sua morte repentina, do que resultou ficar paralizado, durante meses, o movimento do então já importante Hospital Santa Isabel, inaugurado em outubro de 1916, e formado pelo que, até hoje, integra a parte central do imponente nosocômio

Nos primórdios da sua existência, situava-se êsse prédio, bucòlicamente, na colina, tendo, por fundo, majestosa floresta, permanecendo assim ligado à paisagem da Blumenau da minha juventude, onde passei longas temporadas, vindo do interior para freqüentar a escola e, mais tarde, a sociedade, até que, em 1929, a minha família mudou-se, definitivamente, para esta cidade.

Travei conhecimento pessoal com o Hospital Santa Isabel nos anos seguintes, internada, ali, repetidas vèzes, assim como outros membros da minha família, como clientes do Dr. Hoess e, mais tarde, do Dr. Mayerle.

Nas numerosas entradas no hospital, conheci as superiores, desde a Irmã Aloisianis, querida e sempre venerada, até hoje o esteio da organização exemplar do enorme estabelecimento, até a atual reverenda Irmã Gottvaldis, lembrando-a, há vinte e cinco anos passados, como jovem enfermeira.

Recordo-me das veneráveis irmãs Hedvigés e Huberta, há muito falecidas, e, entre as minhas enfermeiras, da Irmã Andreana e da sempre prestativa Irmã Kuniburgis, até hoje, abnegadamente, desempenhando a sua altruística e abençoada tarefa junto aos doentes.

O Hospital Santa Isabel cresceu e se desenvolveu vertiginosamente e as Irmãs foram se adaptando à época, até mesmo nas pequenas reformas do hábito.



Uma vista do Hospital Santa Isabel, antes da construção do pavilhão de oito andares e do acréscimo em vias de conclusão.

— ★ —

Mas, em sua presença, ou ouvindo-as seguir, silenciosamente, pelos corredores das enfermarias, no desempenho dos seus encargos, acompanhando os seus passos o leve tilintar das contas do rosário, prêso ao cinto, nosso subconsciente transporta-nos a situações que nos lembram a atmosfera, que deveria existir, no interior dos conventos medievais da Europa, com silenciosas arcadas, suas monjas piedosas, o perfume dos roseirais subindo pelas colunas do pátio, isoladas do resto do mundo por velhas muralhas enegrecidas. E compreendemos como e porque, através dos séculos, inalteravelmente, a Fé e as regras da Ordem a que pertencem, conservam essas religiosas em esfera transcendental, para além das transformações, flutuações e inconstâncias das épocas que se vão sucedendo.

Temos certeza de que, iluminados de tão sublimado ideal, dotadas de tais e tantos recursos morais, de alto critério e renovado espírito de altruísmo e abnegação, as generosas e santas irmãs do Hospital Santa Isabel, continuarão a trabalhar com heroísmo no empreendimento planejado, conquistando o esperado prêmio e beneficiando, cada vez mais, a população blumenauense com êsse magnífico monumento de caridade que é o Hospital Santa Isabel.

Deus há de abençoá-las!

REMINISCÊNCIAS

II

HABITAÇÕES E POVOAMENTO DE ITAJAÍ E CIRCUNVIZINHANÇAS PELOS ANOS DE 1840 A 1845 — O QUE ENTÃO HAVIA NO TERRITÓRIO DE BRUSQUE, NOVA TRENTO E BLUMENAU — OS BUGRES — A COMPANHIA DE PEDESTRES EM BELCHIOR.

Visando clareza e brevidade na exposição, nos esforçamos para que o sr. Antônio da Costa Flôres nos desse, antes de tudo, uma idéia geral do que, por ocasião da sua chegada, tinha encontrado de mais digno de nota em Itajai e circunvizinhanças, quanto a habitações e povoamento, só mencionando por menores de incontestável conveniência para esclarecimento do assunto.

"Isto aqui, disse em resumo o sr. Antônio Flôres, conquanto apresentasse bastantes indícios de que estava bem longinqua a época em que começou a ser povoado, não era mais que umas roças; ninguém podia supôr que se desenvolvesse e prosperasse até chegar ao que hoje é.

Fiquei nesta terra como meio de evitar que meu pai, que tinha sido piloto e viajara muito para a África e outros pontos, levasse a efeito o propósito em que estava, de me fazer adotar a carreira marítima. A vida do mar me inspirava imenso receio, porque, no temporal que presenciei a bordo da sumaca "Vencedora" e de que já me ocupei, vi que, entre outras cousas horrorosas, três marinheiros, que estavam em cima do mastro da proa, quando este caiu, desapareceram no oceano e que as vagas arrebatarem quase tôdas as pipas d'água, criando assim o perigo de se morrer à sêde e me teriam arrebatado se eu não estivesse sólidamente amarrado ao outro mastro.

Nos terrenos que o atual perímetro desta cidade abrange e que, como sabe, atinge a dois quilômetros, a contar da igreja matriz para todos os lados, exceto para o do rio, que fica a muito pequena distância, contavam-se umas cinquenta casas, entrando nesse número pequenos ranchos miseráveis que, além de serem cobertos de palha, compunham-se de um só compartimento com paredes feitas apenas de ripas fincadas juntas umas das outras.

Tôdas as casas, salvo a do major Agostinho (a melhor que havia) que era construída de pedra, tijolo e cal, tinham as paredes externas de taipa, isto é, de pau a pique, amarrado com ripa, barreadas, sendo que só três ou quatro eram rebocadas e caiadas.

Não havia nenhuma casa com paredes externas de tábuas. Passaram-se anos antes que existissem engenhos de serrar, tanto que alguns dos primeiros alemães que apareceram, entre os quais Pedro Mueller, pai do glorioso itajainse dr. Lauro Mueller, se ocupavam em serrar madeira à mão.

Pedro Mueller era ainda solteiro; andava trabalhando em madeira com dois ou três companheiros; ;depois de estar ausente algum tempo, voltou casado; teve negócio na casa onde nasceu Lauro Mueller e hoje reside o sr. Marcos Konder; e se foi tornando um dos homens mais conhecidos e importantes de Itajai.

Quem primeiro montou e ensinou a montar engenhos de serrar madeiras em Itajai, foi um francês que veio de Tijuca, de nome José Bosfire. Depois disto é que surgiu e mais tarde predominou o sistema ainda hoje tão usado de fazer casa tôda de madeira.

Muitas casas, mesmo das maiores, eram cobertas de palha. O major Agostinho tinha uma olaria ao sopé do último morro que fica à esquerda de quem vai pela estrada de Brusque e toma o caminho da atual casa do sr. Carlos Graff, pouco antes da grande ponte sôbre o rio Conceição. Não sei se havia outras olarias além desta. O que é certo é que durante anos a telha fabricada aqui pouco prestava e que quem queria boas telhas mandava-as buscar de Paranaguá. Custava, porém, muito caro para aquêles tempos: 60\$000 o milheiro.

Mais ou menos por onde correm as ruas Lauro Mueller e Pedro Ferreira, ao lado de oeste, havia apenas 14 casas, sendo nesta quatro e naquela dez,

próximas umas das outras, entre as quais a do major Agostinho, que é agora de propriedade da viuva do sr. Henrique Schneider.

Estas 14 casas estavam assim dispostas, não porque obedecessem a alinhamento, mas porque tôdas davam frente para o rio e acompanhavam a direção da praia, a distâncias pouco diferentes. No Itajaí não havia então nenhuma rua, nem se falava em arruamento.

Nas imediações do local em que presentemente se acha a matriz, existiam uns alicerces de pouco mais de meio metro de altura, construídos por um pedreiro, escravo do major Agostinho, de nome Simeão, para a igreja e uma meia-água muito pequena, de taipa, sem rebôco, coberta de telha, sem forma exterior de templo e conhecida por "casinha de Nossa Senhora", porque agasalhava uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. O cemitério ficava no terreno sito nos fundos dessa casinha e ia até perto da atual casa de negócio do sr. Pedro Bauer.

As outras trinta e tantas casas estavam espalhadas pela vasta planície, sem se adstringirem a outra regra a não ser a imposta pela situação e dimensões dos terrenos e pela preferência de lugares mais enxutos e menos baixos.

Por entre estas casas, algumas das quais eram rodeadas de algodoeiros (fiava-se algodão e tecia-se um pano muito forte e muito apreciado que se chamava "riscado da terra") viam-se extensos brejos, cuja vegetação alterosa e inextrincável, em certos pontos, parecia nunca ter sido derrubada completamente; vários caminhos e trilhos tortuosos em inúmeras direções; meia dúzia de engenhos de fazer farinha de mandioca; grupos de cafêzeiros, laranjeiras e bananais; roças de mandioca, feijão e milho e, mais que tudo, capoeiras de tôdas as alturas.

As roças e mesmo muitos quintais das casas não tinham cêrca; preferia-se criar o gado vacum e cavalar à corda, ou longe das plantações às sôltas.

Nos terrenos, ao sul da povoação, já conhecidos com o nome de "fazenda" residia em uma boa casa caiada a respectiva proprietária, D.^a Felícia Alexandrina de Azeredo Leão Coutinho. Dizia-se que era viúva de um oficial antigo, que governara Santa Catarina. O que é certo é que recebia sôlido. Tinha uma filha de nome Carolina, casada com um capitão Benigno Lopes Monção. Possuía muitos escravos. A "Fazenda" tinha grande cafêzal, muitas laranjeiras e outras árvores frutíferas, extensas roças, um engenho de fazer farinha de mandioca e um de moer cana e fabricar açúcar.

Para os lados da "Praia Brava" — creio que os moradores aí eram poucos — era onde mais se plantavam algodoeiros e mais se fazia "riscado da terra".

Na Barra do Rio havia unicamente duas moradias, a de Francisco Rangel e a de Luís Gago, assim conhecido por ter êsse defeito no falar.

Na planície da margem fronteira do rio, que termina no Pontal, se encontrava: a casa de residência, coberta de telhas e engenho de fazer farinha do velho José Coelho da Rocha, um dos mais antigos habitantes; algumas casinhas cobertas de palha; e perto do local em que agora tem morada o 1.^o prático Manoel Moreira Maia, um cemitério, no qual se não enterrava mais ninguém, mas onde, segundo constava, a princípio se sepultavam mesmo as pessoas que faleciam do lado de cá.

A praia de Itajaí e sobretudo Gravatá e Mato Grosso já tinham habitantes. Na Armação, além do cirurgião Luís Rodrigues Pereira, seus agregados e escravos, poucos eram os moradores. Tinha-se deixado de pescar baleias porque, sendo poucas as que apareciam não valia mais a pena cuidar disso. O lugar era muito bonito. Do morrete em que já existiam a igreja de São João e a vasta casa de residência do cirurgião Luís, desfrutava-se esplêndida vista para os terrenos adjacentes, bem cuidados, e para o mar.

Constava que essa igreja era uma das mais antigas de Santa Catarina e que enela é que outrora os moradores daqui iam se casar e batizar seus filhos. Isto parece confirmar a versão de que, em nosso município, o primeiro lugar que recebeu habitantes foi Armação, principalmente atendendo-se a que foi o governo que a estabeleceu.

A Penha já possuía igreja tão boa que, me parece, é ainda a atual e as casas eram em pequeno número, mas em geral tinham melhor aspecto que as daqui. Lá existiam diversas famílias bem arranjadas, entre as quais as de uns Caetanos e outras.

Voltemos, porém, para mais perto de Itajaí.

Nas margens do Itajaí-mirim, em Canhanduva, em Itopava e até uns dez quilômetros de distância de Itajaí, nessa direção, se deparavam diversos moradores, alguns bastante antigos ou de importância, entre os quais, em Canhanduva, Francisco Antônio de Borba, depois coronel e o alferes Corrêa, que residia em uma casa construída com pedras e na qual mais tarde morou o falecido pai do advogado Bella Cruz, que atualmente habita em São José.

As margens do Itajaí-açu se estavam povoando até a distância de uns 46 quilômetros daqui, sendo o último morador nessa direção um tal Almeida, que veio do Rio Grande do Sul, por causa da guerra que por lá se dera e se refugiou na margem esquerda do rio, um pouco para cima da ilha próxima do Belchior.

Muito poucas eram as casas no Gaspar.

Habitantes mais conhecidos de que me recorde: no Pocinho, capitão Henrique Flôres, como já tive ocasião de dizer; na Barra do Luís Alves, o alferes João Azeredo Leão Coutinho, irmão de Dona Felícia, proprietária da Fazenda; no lugar hoje chamado "Mafras", João da Silva Mafra, pai do atual octogenário José da Silva Mafra; no Saco Grande João Cardoso dos Santos, por alcunha João Sacavém, porque nasceu num lugar com êsse nome, em Portugal; e Manoel da Quina, "capitão de mato", que andava sempre acompanhado de uma ou duas pessoas e armado de espada, pistola, chicote com cabo feito de um pedaço de cano de espingarda e tinha o encargo de dar caca a criminosos, escravos fugidos, soldados desertores, para o que era pago pelo governo.

O caminho que margeia o litoral, do Estreito a São Francisco, era regularmente frequentado e povoado, passando, em Itajaí, pelos mesmos pontos em que passava antes da recente construção da estrada ligando esta cidade a Camboriú.

Nos vastíssimos terrenos que hoje abrangem os municípios de Brusque e de Nova Trento e o de Blumenau, do Belchior para cima, tudo era mata virgem: não havia nenhum habitante, a não ser os selvagens.

Quem primeiro morou no ponto em que hoje está a sede de Brusque, foi Vicente Ferreira de Melo, por apelido "Vicente Só": andando a caçar, achou o lugar muito bonito e fez um rancho no alto do morro em que hoje se vê a igreja católica, mas não podendo continuar a viver lá, veio com a família aqui, para Coloninha, onde terminou os seus dias.

O povoamento do nosso território não se estendia mais de 6 a 10 quilômetros de distância da praia do mar ou das margens dos rios pelos motivos seguintes: a população era muito pouco numerosa; encontrava nos exíguos terrenos que explorava, satisfação às suas modestas ambições; não dispunha de vias de comunicação terrestre, bastando dizer que quase não havia outro caminho regular, além do que marginava o litoral; cousa alguma atraía para o sertão, longe da costa; e — o motivo principal — temia os ataques dos bugres.

Dizia o ferreiro Januário, morador em Destêrro, e pai do meu mestre, que um governador maneta, que lá houve, sentava à sua mesa um tal Dias da Costa, rude mineiro (que ainda tem parentes aqui) que lhe levava garrafinhas de ouro em pó, extraído de minas existentes em Itajaí, contava-se que em terras que hoje pertencem a êste município, um mineiro que estava explorando minas em um lugar, foi matar a outro que fazia igual serviço em outro lugar; por denominação dada em tempos remotos, temos um "Ribeirão das Minas"; já cavi dizer que se encontram em território itajaiense grandes vestígios antigos, como excavações etc. de exploração de minas, mas não sei onde; o que me parece fora de dúvida é que não tivemos incursões de exploradores de minas dilatando o povoamento.

Os bugres ainda vinham até bem perto de Itajaí. Não se sabiam onde eram os seus alojamentos, porque ninguém ousava ir procurá-los. Os seus ataques que, em geral, tinham por móvel o roubo, não eram freqüentes; mas traziam em constantes preocupações a gente que vivia um pouco mais longe dos lugares mais habitados. Quem morava ou fazia roça à certa distância nunca estava sem armas e sem companhia de outras pessoas; mesmo quando trabalhava na roça tinha perto de si espingarda carregada.

Muitos anos depois da minha vinda, o carpinteiro Bento Malaquias da Silva (que aqui construiu diversas embarcações e casa no lugar da em que reside hoje o sr. Germano Thieme, e que foi mais tarde o nosso primeiro coletor) para fazer um engenho de serra no Limoeiro, precisou enviar para o local

vinte e tantas pessoas. Lá estive, então uns 15 dias prestando os meus serviços de ferreiro e ouvi, nos morros em volta, alaridos de bugres.

Os bugres só agrediam depois de com o maior cuidado e perseverança, procurarem conhecer as circunstâncias em que se achavam as pessoas a quem queriam agredir e quando julgavam que a ocasião era a mais apropriada para serem bem sucedidos.

Aos caçadores não faziam mal porque além de terem muito medo de armas de fogo, estes quando se aventuravam a internar-se para mais longe, sempre iam em grupos.

Com referência a atentados de bugres, depois da minha chegada a Itajaí, lembro-me do seguinte: assaltaram João da Silva Mafra, em uma casa próxima do lugar que hoje se chama "Pôrto do Escalvado", matando-lhe um ou dois escravos; mataram, não sei onde, um filho de José Paranaguá; fizeram fugir de um sítio para o lado da Itoupava um morador, acompanhando-o e sempre dirigindo-lhe flechadas quando êle descia pelo Itajaí-Mirim em uma canoa; por último mataram um filho do velho Francisco Cordeiro aqui em Cordeiros; em Camboriú, em Alegres, pouco depois da minha chegada a Itajaí massacraram, de uma feita, 16 ou 22 pessoas, entre crianças e adultos, os quais foram enterrados no cemitério daqui; também em Camboriú, tendo os bugres assassinado um lavrador, um tal Sant'Ana, conhecido e aparentado em Itajaí, internou-se pelos matos acompanhado de um irmão do assassinado e de outras pessoas, e matou a tiros um dos bugres inculpados que se dizia ser cacique, trazendo-lhe a cabeça que veio para aqui e que eu vi ser de côr clara, sem barba, magníficos dentes e ter cicatrizes pelo rosto e introduzido um páu enfeitado de 15 centímetros de comprimento no lábio inferior do qual pendia; cabeça que mergulhada em vinagre em um pote, foi remetida para o Destêrro.

Algum tempo depois de eu morar em Itajaí o govêrno, com o fim de afugentar os bures, mandou para o Belchior muitos soldados, que formavam uma companhia de Pedestres comandada pelo major Henrique Etur, que era tenente do exército reformado e foi mais tarde o nosso segundo coletor e tinham um sargento de nome Gregório Joaquim Coelho que aqui depois exerceu diversos cargos.

Essa força lá esteve bastante tempo. Muitas pessoas que faziam parte dela, por vêzes, percorreram acompanhados de vaqueanos, as matas, não constando que maltratassem ou mesmo que encontrassem bugres. É possível que, só em virtude da presença dela, êles se retirassem para o centro da provincia.

Não resta dúvida, porém, que ela concorreu para diminuir o receio de ataque de bugres, animar que viesse muito mais gente morar por aqui, e se estender o povoamento para mais distante do litoral e das margens dos rios.

(Continua no próximo número)

UM GRATO CENTENÁRIO

Blumenau comemora, neste ano, o centenário de um acontecimento que não pode passar desapercibido.

Trata-se do transcurso, neste mês, do 100.º aniversário da fundação da Companhia Comercial Schrader.

Integrada na vida da comuna, como uma das organizações comerciais de maior expressão local e que tem concorrido, de maneira muto ponderável, para o extraordinário desenvolvimento que Blumenau tem tido, nestas últimas décadas, a Companhia Schrader deixou de ser um patrimônio exclusivamente particular para se tornar

uma fonte de incontestáveis riquezas para o município e motivo de justificada ufania.

Fundada em 1859, pelo imigrante Ferdinand Schrader, que aqui chegara em 1855, um lustro, apenas, depois da fundação da cidade, a pequena casa comercial, instalada no mesmo local em que se levanta, hoje, o imponente prédio, séde da organização, veio, de conquista em conquista, aumentando as suas reservas e o seu prestígio até aos nossos dias, orgulhando-se, mui justamente, de uma tradição de perseverança, de equilíbrio e de honestidade.

A frente do seu estabelecimento,

Ferdinand Schrader permaneceu até 1894 quando seu filho Alwin, que havia concluído seus estudos na Europa, assumiu-lhe a direção.

Como verdadeiro comerciante que, ao par dos lucros naturais do seu negócio, não esquece, também, que outros fatores, além das transações puras e simples, concorrem, muitas vezes com mais eficiência, para o desenvolvimento de uma organização comercial, Alwin Schrader soube encontrar o caminho certo da prosperidade.

O progresso material do município, o adiantamento cultural do seu povo, o seu aprimoramento moral contando-se entre esses fatores, Schrader não os perdeu de vista. Consolidou e ampliou os seus negócios inspirado nessas premissas. Soube dividir o seu tempo entre os negócios e a coletividade, ingressando na política, tendo chegado a exercer o cargo de governador do município, por doze anos consecutivos, de 1903 a 1914. De 1925 a 1928 foi deputado estadual.

Teremos, em breve, oportunidade de registrar, nestes "Cadernos", com a biografia de Alwin Schrader, muita coisa a respeito da sua profícua administração. Limitamo-nos, nesta ligeira nota, a dizer algo sobre as suas atividades comerciais.

Foi um dos fundadores do "Sindicato Agrícola de Blumenau" (1907) e, depois, presidente do Banco Agrícola e Comercial de Blumenau S/A. Estendendo a sua extraordinária atividade a outros empreendimentos, foi diretor-gerente da Empresa Industrial Garcia e presidente da Fábrica de Gazes Medicinais Cremer S/A.

As obras sociais mereceram-lhe, por outro lado, cuidados carinhos e, como tesoureiro e membro da diretoria do Hospital Santa Catarina, prestou às obras da sua ampliação e do seu melhor equipamento, grandes e inesquecíveis serviços.

Cançado dos extenuantes labores de uma vida intensamente ativa, Alwin Schrader passou, a 1.º de abril de 1927, a direção da firma a seu filho Heinz Schrader que, no ano anterior, regressara da Europa, onde permanecera vários anos, na Alemanha e na Inglaterra, completando seus estudos.

Seguindo o rumo traçado por seus antepassados, o novo diretor soube levar o patrimônio que herdara, pela mesma trilha de atuação escrupulosa, de honestidade e de prudência, que a trouxeram até nós, como uma das organizações comerciais mais expressivas de todo o Estado de Sta. Catarina.

Em 1936, entrou para a firma, como sócio solidário, o sr. Fred W. Stingelin que soube, com a sua capacidade e o seu trabalho eficiente, integrar-se no sistema ditado pelos fundadores e que tão auspiciosos resultados tem produzido.

Transformada, a 3 de julho de 1942, em Sociedade Anônima, sob a razão de "Companhia Comercial Schrader", preside-lhe, até hoje, os destinos administrativos a diretoria que tem, como presidente e gerente, os mesmos Heinz Schrader e Fred Stingelin e mais o sr. Antônio Gomes Coelho que, desde 1937, vinha se dedicando à firma com o entusiasmo e a competência que soube redobrar no posto de direção.

Noticiando o acontecimento, um fato histórico digno de registro, cumprimentamos os diretores e auxiliares da Companhia Comercial Schrader, fazendo votos de prosperidades, a cada um em particular, e à organização em geral e congratulamo-nos com o município e o seu povo que podem se orgulhar de ter um empreendimento, que os honra, pela sua grandeza e, sobretudo, pela sua tradição de honesta atividade e a sua cooperação ao progresso do município e ao bem-estar da coletividade.

POR absoluta falta de espaço nesta edição, deixamos, para a próxima, a continuação do folheto do Padre Arcanjo Ganarini "Brusque e Nova Trento", que vimos publicando há meses, em tradução do nosso eminente colaborador e mestre, Almirante Lucas A. Boiteux.

O Cinquentenário do Hospital S. Isabel

A 4 de outubro, dêste ano, transcorre a data do cinquentenário de fundação do Hospital Santa Isabel, instituição de caridade de que Blumenau, mui justamente, se orgulha.

Tendo sua origem num quarto, com dois leitos apenas, no próprio colégio das Irmãs da Divina Providência, passou, depois, a ocupar pequeno prédio, com capacidade para 15 a 20 doentes, inaugurado em 1909, em construção contígua ao convento das beneméritas freiras daquela Congregação.

Sob a competente orientação do médico, dr. Ernesto Sappelt, falecido dez anos depois, essas bondosas Irmãs foram dando ao hospital crescente eficiência, adaptando-o, com desvelado cuidado, ao sempre maior desenvolvimento da cidade.

Sete anos não se haviam ainda passado, da data da inauguração, e já se completava nova ala, acabada em 1916. Em 1919, a 8 de outubro, faleceu o dr. Sappelt. Substituíram-no na direção dos serviços médicos o dr. Johnson até 1920, o dr. Jungbluth, dêste ano até 1926 e os demais relacionados no quadro abaixo. Neste último ano, o nosocômio hospitalizou 946 doentes, tendo sido efetuadas 402 operações cirúrgicas.

Havia, já então, no estabelecimento, moderníssimos aparelhos elétricos, como os de Raio X, diatermia, ultra-violeta e outros.

Novo aumento foi realizado em 1933, ano em que o hospital acolheu, em tratamento, nada menos de 1788 doentes. Em 1937 construiu-se o pavilhão de isolamento para doentes de mal contagioso e outros melhoramentos e acréscimos foram introduzidos nas várias alas do hospital.

As estatísticas enumeram o internamento, em 1949, de 5.730 doentes com 53.554 diárias. No ano passado, 1959, o número de doentes internados ascendeu a 9.136, dos quais 1.352 no pavilhão da maternidade, ou seja, uma média de mais de 25 doentes por dia.

E assim, de degrau em degrau, acompanhando o ritmo acelerado do progresso de Blumenau, o Hospital Santa Isabel foi crescendo, aumentando a sua capacidade em leitos e em pessoal técnico, para chegar aos nossos dias como um verdadeiro monumento, uma realização que, ao mesmo tempo que nos inspira confiança absoluta, nos enche de orgulho porque é, incontestavelmente, um dos maiores, mais bem aparelhados e melhor dirigidos do nosso país.

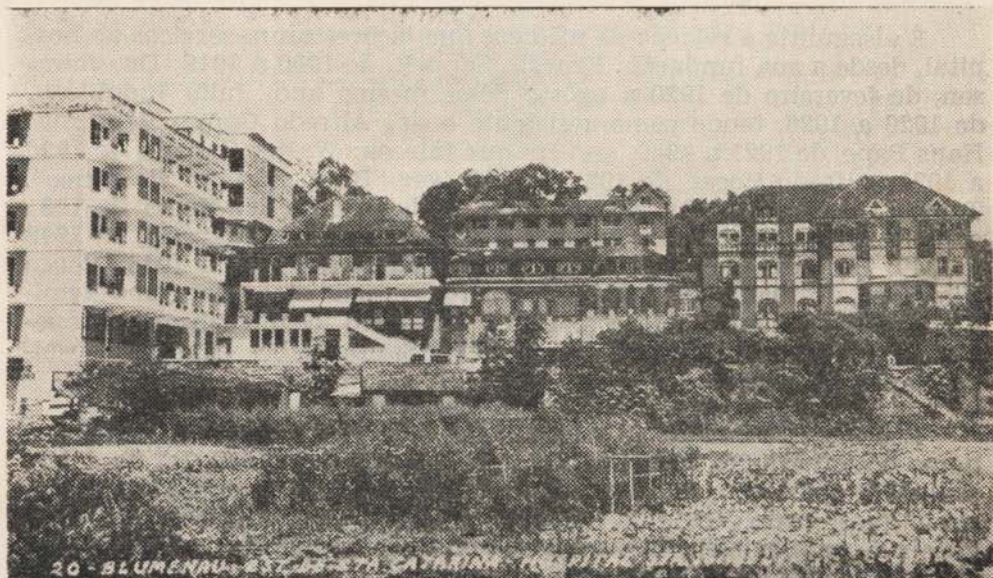
E tudo isso se deve ao esforço e à dedicação, ao apostolar despreendimento e altruísmo dêsses anjos de Caridade, que são as Irmãs da Divina Providência.

Por mais que louve e engrandeça a atuação benfazeja dessas freiras beneméritas, Blumenau jamais pagará a dívida de gratidão que com elas contraiu pelo seu apostolado heróico, pela sua dedicação verdadeiramente extraordinária.

Não há como destacar-se nomes dentre essa plêiade de religiosas. Todas elas, sem distinção, merecem a nossa estima e o nosso eterno reconhecimento. Relacionando, apenas, os nomes das irmãs que, como diretoras do Hospital, tiveram sôbre os seus ombros a responsabilidade

do govêrno da casa e da comunidade, prestamos sincera e bem merecida homenagem a tôdas as freiras, desde as que se desvelam em cuidados ao lado dos leitos dos enfermos ou das mesas de operação, ou no preparo dos medicamentos até as que se ocupam nos mais modestos encargos da casa e da cosinha, pois tôdas elas fazem jus à nossa profunda gratidão.

E, rendendo êsse preito sincero às Irmãs que, atualmente exercem o seu apostolado no hospital, não desejamos que fiquem esquecidos os nomes das Irmãs Rufina, Roberta, Barnabá, Celsina, Donata, Germina, Gotfrieda e Robertina, para falar, apenas, nas que iniciaram os trabalhos no primeiro pavilhão, e todas quantas, por amor a Deus e ao próximo, deixaram família e pátria, honras e riquezas temporais para se dedicarem, apenas, aos necessitados de saúde para o corpo e paz para o espírito.



Conjunto atual do Hospital Santa Isabel, vendo-se, à esquerda, as novas alas, há pouco terminadas e as que estão em vias de conclusão. É um estabelecimento hospitalar que honra o nosso país, pela sua organização e eficiência.

De 1917 em diante, as Irmãs do hospital passaram a formar uma comunidade independente da que cuida do Colégio Sagrada Família e de outras obras educacionais e tiveram por superiores:

De 1917 a 1925 a Irmã Margarida; de 1925 a 1926 Irmã Germina; de 1926 a 1930 Irmã Agera; de 1930 a 1935 Irmã Aloysianis; de 1935 a 1940, Irmã Margarida; de 1941 a 1948 Irmã Quesima; de 1948 a 1954 Irmã Egbertina e de 1954 até agora Irmã Gotvaldis.

A Irmã Aloysianis, que será alvo de homenagem especial num dos nossos próximos "Cadernos", chegou a Blumenau a 21 de agosto de 1921, vinda de Florianópolis, encarregada do manejo do aparelho de Raios X. Desde então vem exercendo, com rara dedicação e entranhado

espírito de caridade, o seu apostolado junto aos doentes, por todos estimada e querida.

Trabalham, atualmente, no hospital Santa Isabel, oito médicos, trinta e três Irmãs, quarenta e seis serventes.

O corpo médico compõe-se dos doutores Paulo Meyerle, médico chefe, cirurgião. Entrou para o serviço do hospital, como assistente do dr. Alfredo Hoess. De 1948 a 1949 esteve afastado, fazendo curso de aperfeiçoamento nos Estados Unidos; Wilson Gomes Santhiago, a cujo cargo está a clínica de olhos, ouvidos, nariz e garganta desde 1949; Gelásio de Freitas, clínica geral e cirurgia, desde 1950; Diogo Vergara, Banco de Sangue; Carlos Goffergé, clínica geral e cirurgia; Eduardo Vitoldo Ferencz, traumatologia e cirurgia em geral; Walmor Ervino Belz, clínica geral e cirurgia; Ênio Cesar Vieira Pereira, radiologista.

É a seguinte a relação de médicos que já prestaram serviços ao hospital, desde a sua fundação: Ernesto Sappelt, de 1909 a 1919; Dr. Johnson, de fevereiro de 1920 a agosto desse mesmo ano; Julio Jungbluth, de 1920 a 1926, tendo como assistente o dr. Alfredo Gomes Sapucáia; Hans Pape, de 1921 a 1949, ano em que faleceu; Walter Capelle, de 1926 a 1931; Alfredo Hoess, de 1931 a 1952 (ver "Blumenau em Cadernos", Tomo I, páginas 92/93); Afonso Rabe, assistente do dr. Hoess, de 1931 a 1933; Antônio Schaefer, durante a ausência do Dr. Mayerle, de 1948 a 1949; Hans Kechele, em 1940; Thilo Huehne, de 1952 a 1953; Rocco Niemeyer, de 1956 a 1957, além de outros especialistas que, como Armínio Tavares o qual, tendo consultório em outro local, realizava as operações de seus clientes tanto no hospital Santa Isabel, como no hospital Santa Catarina.

É de inteira justiça — e nós o fazemos com prazer — lembrar o nome do enfermeiro João Doeheli que, admitido em 1919, foi de extraordinária dedicação, de despreendimento sem igual, conquistando, durante quase meio século de exercício, a estima geral. Faleceu em 1955, depois de uma existência exemplar, como cristão que era, no verdadeiro e amplo sentido da palavra.

SEGUNDO um ofício do Dr. Blumenau, datado de outubro de 1878, de Aquidaban até o Ribeirão das Lontras, "o caminho estava sofrivelmente aberto e em melhoramento, porque perto deste último ribeirão, ultimamente foram estabelecidas 58 famílias lombardas, que dele carecem para a sua existência, naquela já bastante e avançada e remota localidade". O trabalho de abertura do caminho, de Lontras até Pombinhas, o caminho estava sendo aberto morosamente, por falta de fundos e por haver, no percurso, grandes dificuldades topográficas, como ribeirões, banhados, gargantas, etc. De Pombinha a Taió não existia senão uma "picada aberta a facão e o terreno é muito acidentado e difícil, carendo a construção de estrada ali de considerável trabalho".

3.º - GUSTAVO SALINGER

(1889 — 1890)

Como vimos, na eleição realizada a 7 de janeiro de 1889, pela Câmara Municipal, foi eleito seu presidente o vereador Gustavo Salinger. Ele havia sido eleito vereador, em eleição verificada a 12 de agosto, anterior, e em virtude da vaga deixada por José Henrique Flôres Filho, que fôra nomeado coletor das rendas provinciais. A essa eleição, haviam comparecido 59 eleitores na vila de Blumenau e 19 na freguesia de Gaspar. Sem discrepância, êsses eleitores sufragaram o nome de Salinger. Comerciante muito conceituado e ativo, Salinger dirigia um dos mais bem sortidos e sólidos negócios do Vale do Itajaí. Sua casa, que ainda existe, ficava na atual rua Alvin Schrader, e era uma das mais vistosas e amplas da vila. Era também cônsul da Alemanha em Blumenau. Subiu ao poder mui-



to prestigiado e disposto a dar rumos mais eficientes à administração da comuna. Começou, porém, a pôr em prática as suas iniciativas, exatamente, em época já prenunciadora das grandes tempestades políticas, que dariam com o regimen monárquico por terra. Foi sob a presidência dêsse criterioso administrador, que a Câmara Municipal de Blumenau, em sessão realizada a 25 de novembro de 1889, resolveu aderir à república, já proclamada e aceita em todo o território nacional.

Com a mudança do regimen, os arraiais políticos ficaram completamente desorientados. Novos homens surgiram, uns para desaparecerem pouco depois, e outros que tiveram longa e destacada atuação, não apenas na vida administrativa e política de Blumenau, como na do Estado e mesmo na do país, como Hercílio Luz, Paula Ramos, Bonifácio Cunha e outros.

Salinger, pois, terminado o primeiro ano de sua gestão, foi substituído na presidência da Câmara, a 7 de janeiro de 1890, por Henrique Clasen, até então vice-presidente.

Deixando o cargo, Salinger não mais apareceu à frente da administração, dedicando tôda a sua atividade ao comércio e às incipientes indústrias e, com outros capitalistas e industriais, iniciou obras que muito influíram no engrandecimento de Blumenau.

Foi um dos fundadores da Associação Comercial e Industrial de Blumenau e tomou parte ativa, às vêzes em postos de direção, nas principais sociedades recreativas e culturais, salientando-se pelo seu entusiasmo pelas artes e letras. Era maçõn e um dos fundadores da loja "Friedenspalme".

Estante dos “Cadernos,”

★ **“A ARQUIDIOCESE DE CURITIBA NA SUA HISTÓRIA”** — O Revmo. Padre Pedro Fedalto, chanceler do arcebispado de Curitiba, com o concurso dos reverendos vigários e superiores de ordens religiosas, realizou obra de incalculável valor histórico e literário com a publicação, há pouco feita, do magnífico trabalho “A Arquidiocese de Curitiba na sua história”.

Trata-se de um estudo minucioso, completo, vasado em bom estilo e que registra, passo a passo, a evolução do catolicismo no Paraná, a sua organização eclesiástica, e a atuação apostolar dos seus sacerdotes e dos seus prelados.

Remontando às eras coloniais, da catequese do gentio “coroado”, passa o cronista aos começos das primeiras paróquias no litoral, à criação da Vila de Nossa Senhora da Luz e aos demais núcleos religiosos que, nos fins do século passado, desligaram-se do bispado de São Paulo, para se constituírem em diocese, entregue, em 1894, à sábia orientação do seu primeiro bispo, D. José de Camargo Barros, trágicamente desaparecido, em 1906, quando, já arcebispo de São Paulo, pereceu no naufrágio do vapor “Sirio”, que o trazia de regresso de Roma.

As paróquias catarinenses, até a criação da diocese florianopolitana, em 1908, inclusive as nossas, do Vale do Itajaí, passaram a fazer parte do bispado de Curitiba. Depois de D. José, veio D. Duarte Leopoldo, inteligência fulgurante que, à frente dos destinos religiosos de São Paulo, para onde foi transferido em 1907, revelou-se um pastor sábio e prudente. Dom João Braga governou a diocese por 27 anos seguidos, tendo resignado, por motivo de moléstia, em 1935. Faleceu dois anos depois, em Petrópolis.

D. Ático Eusébio da Rocha, que o substituiu, esteve à frente da diocese de 1936 a 1950, ano em que faleceu, tendo sido sepultado na catedral metropolitana.

Sucedeu-o essa figura extraordinária de mestre e pastor, que é o atual arcebispo, D. Manoel da Silveira D’Elboux, removido da diocese de Ribeirão Preto, em 1950, para a qual fôra eleito, depois de curta passagem pela reitoria de seminário do Ipiranga, onde se distinguiu pela sua piedade, cultura, compreensão e capacidade administrativa.

Todos êsses prelados foram incansáveis no desempenho do seu árduo e santo ministério.

Não é possível, neste simples registro, citar, nem mesmo em resumo, os trabalhos realizados pelos bispos e arcebispos de Curitiba em pról do progresso da religião e nem as conquistas alcançadas em todos os setores da sua abençoada atividade. Mas, aí estão, patentes, vivos, os frutos dessas administrações, concretizados numa arquidiocese onde há entusiasmo pela religião, fervor numa população de católicos que vibra pela sua fé, que por ela trabalha, orientada por uma plêiade de sacerdotes exemplares e de cujas atividades, o livro que temos sobre a mesa, nos dá pormenorizadas notícias, magnificamente ilustradas.

“A Arquidiocese de Curitiba na sua história” é um livro que estava faltando; é um precioso auxiliar dos que estudam o passado da nossa terra.

Agradecendo o exemplar que, gentilmente, nos foi ofertado, cumprimos as autoridades diocesanas pelo esplêndido trabalho realizado e ao Padre Pedro Fedalto enviamos os nossos parabéns pela maneira brilhante com que se houve na elaboração de obra tão útil quanto meritória.

“O Assunto é Vasconcelos Drumond”

Arnaldo BRANDÃO

O ponto mais importante que se nos apresenta agora, nas vésperas do centenário do Município de Itajaí, é, sem dúvida, a autenticidade de Vasconcelos Drumond, como figura primordial na fundação da cidade. Não desejo entrar nessa peleja de historiadores conterrâneos que se debatem para elucidar o caso. Quero apenas auxiliá-los, remetendo-lhes elementos, a fim de que melhor estudem o assunto, conhecendo mais aprofundadamente a figura ilustre de Antônio Menezes de Vasconcelos Drumond. Preocupado com isto, iniciei minhas pesquisas, dirigindo-me a um grande amigo, o escritor e teatrólogo Hermógenes Viana, membro da Academia Pernambucana de Letras. O citado intelectual, certa feita, enviou-me um de seus livros, justamente o volume em que agrupava alguma peças teatrais. Entre elas: “O Patriarca da Independência”, na qual tomava o nosso Vasconcelos Drumond, como personagem. Lembrei-me então de escrever-lhe solicitando informações sobre essa figura que, talvez, tivesse sido — por ele — mais extensamente estudada e analisada, a fim de ser incorporada à peça teatral de sua autoria. Solicitamente, Hermógenes Viana me atendeu. Lastimável é que nenhum elemento me tenha sido enviado a respeito da atuação de Drumond na província catarinense. Remeteu-me, apenas, fatos e passagens conhecidas e citadas em livros, mas que não deixam de ser assás interessantes e importantes, para aqueles que se preocupam com a personalidade de Vasconcelos Drumond. Pretendo retornar à carga. Procurar outras fontes e indagar de outros amigos, pesquisadores e historiadores, novos elementos que nos ajudem a recompôr esta figura histórica de homem cheio de ideal, cuja atuação política tanto se efetuou na Capital, como nas províncias do Sul e do Norte.

Peço vênia a Marcos Konder, a José Ferreira da Silva, a Nemésio Heusi e Silveira Junior para também me introduzir no assunto. O material que recolher servirá apenas para enriquecer seus fichários, jamais para controvérsias ou querelas. O desejo, unicamente, de estudar e conhecer mais essa figura preciosa que tanto se salientou nas lutas em prol da independência. Analisar esse homem que tem tanto de tradição como tem de enigmático. Que passou por uma terra sem quase não deixar rastro. Fundou um núcleo, mas não se importou de deixar uma ata de fundação ou seu nome assinado em algum documento que lhe outorgasse o direito de fundador. E deixou uma cidade com uma fundação quase lendária, como a de Roma ou de Tróia, cuja origem são atribuídas a homens ou a semi-deuses. É o que nos faz duvidar da autenticidade de Drumond na fundação de Itajaí. Uma figura completa, habituado às grandes magistraturas, mas que não firmou documento algum, tão pouco se comprova o ato dele ter fundado Itajaí, deixando como herança, essa grande dúvida e a possibilidade de que se cometa uma injustiça, homenageando um fundador que, realmente, nada fundou. Que se dissipem as dúvidas e se renda o tributo devidamente ao primeiro homem que lançou a pedra inicial de uma povoação que, mais tarde, seria transformada em grande cidade, cujo nome foi tirado da abundância de taiaís existentes nas margens do rio, mas que também isso é motivo de controvérsia e que, até hoje, ainda não se chegou a uma feliz conclusão.

E voltando ao assunto da carta de Hermógenes Viana, aqui segue a transcrição :

“Recife, 6 de setembro de 1959.

Meu caro Sr. Arnaldo Brandão

Tenho em meu poder sua prezada carta datada de 2 do corrente, a qual li com interesse e fiquei ciente do que me mandou dizer. Não tenho uma biogra-

fia completa do diplomata e jornalista Antonio de Menezes Vasconcellos Drumond, o qual figura, efetivamente, como personagem da minha peça histórica: "O PATRIARCA DA INDEPENDÊNCIA", porém, aqui vou transcrever o que sei sobre Drumond.

"Diplomata e jornalista brasileiro, nasceu no Rio de Janeiro, em 1794 e faleceu em 1865. Abraçou calorosamente a causa da Independência e prestou grandes serviços a Pernambuco. Sofreu seis anos de desterro. (Dicionário Prático Ilustrado de Jayme Séguier — Lisboa — 1910). — No dia 22 de janeiro de 1822, o Intendente Geral da Polícia, João Ignácio da Cunha, pelas 10 horas da manhã, mandou chamar Antonio Menezes Vasconcelos Drumond, e lhe deu uma cópia do ofício do governo de São Paulo para que houvesse de lhe dar a maior publicidade "sem contudo permitir que fôsse impresso". — Drumond apareceu com a cópia do ofício na loja de livros da rua da Quitanda, esquina da de S. Pedro, então pertencente a Manoel Joaquim da Silva Pôrto e depois Conselheiro João Pedro da Veiga. Naquela loja se reuniam todos, qualquer que fôsse o credo político de cada um, a procurar notícias, porque era ali onde se vendiam os periódicos e papéis avulsos do tempo. Ali fez Drumond a leitura do ofício e deixou tirar cópias; dali passou ao quartel do 1.º Regimento de Cavalaria da Côrte, situado à rua do Alecrim, hoje rua do Hospício; fêz o mesmo na Alfândega, e às 2 horas da tarde, circulavam cópias do ofício e toda a cidade estava de posse do conteúdo dêle em modo que quando foi publicado no suplemento n.º 4, da Gazeta do Rio, no dia 8, embora já todos soubessem, produziu o maior entusiasmo. — (O ofício foi ditado por José Bonifácio e foi uma das causas do FICO do Príncipe D. Pedro).

As graves resoluções das Côrtes de Lisboa, conforme ofício de 23 de julho de 1822, além de outras determinaram a prisão e remessa para Portugal de tôdas as pessoas comprometidas nos movimentos do Rio de Janeiro e patenteram a necessidade de providências urgentes. Da Bahia chegara Antonio de Menezes de Vasconcelos Drumond, que lá se achava desde algum tempo prestando serviços à causa da independência, depois de haver prestado relevantíssimos em Pernambuco. — Drumond deu conta minuciosa de todos os fatos ocorridos na Bahia, sob a direção do lusitano, o General Madeira, ao José Bonifácio, por escrito, conforme solicitação do mesmo.

Quando José Bonifácio foi preso para ser deportado, perguntou ao General Moraes se faltavam alguns presos e o General respondeu: "O único que falta e por quem espero, da minha lista, é o Drumond, redator do TAMOYO..."

(O Patriarca da Independência — livro de José Bonifácio de Andrade e Silva. — Série 5a. BRASILIANA — vol. 166 da Biblioteca Pedagógica Brasileira) Edições da Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1939).

É tudo o que sei a respeito do grande herói da nossa Independência. Nada possuo que informe haver sido êle o fundador da cidade de Itajaí. Com os meus protestos de alta estima e consideração, aqui fica o meu abraço fraternal.

a) Hermógenes Viana.

ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

Christiana Deeke BARRETO

JUNHO DE 1959

1 a 7 — Hospeda, ainda, a nossa cidade, o bispo da diocese, Dom Gregório Warmeling, com sede em Joinville, aqui chegado sábado, dia 30 de maio, em visita pastoral,

que vem se prolongando por uma semana, estendendo-se às capelas da paróquia, finalizando domingo, dia 7, quando officia a missa pontifical, na igreja matriz de São Paulo, Apóstolo, seguida de crisma.

1.º — Em seu gabinete de trabalho, na prefeitura municipal, o sr. Prefeito Busch Júnior recebe a visita do sr. bispo diocesano, ora hóspede da nossa cidade.

2 a 17 — O prefeito Busch Júnior afasta-se de suas funções para se internar no Hospital Santa Isabel, desta cidade, acometido de pneumonia. Durante a convalescença, S. S. é visitado por pessoas de suas relações, grupos de correligionários e funcionários municipais. A 17, retoma o seu lugar à frente do executivo municipal.

6 — No Teatro “Carlos Gomes”, é apresentado, pela organização “Neue Kammerspiele”, do Rio de Janeiro, com a participação de famosos artistas alemães, entre estes, a srta. Berta Hemer, radicada em nossa cidade, há vários anos, o drama do clássico alemão Friedrich von Schiller, “Maria Stuart”. Os papéis de Maria Stuart e da rainha Elisabeth são maravilhosamente desempenhados pelas artistas Gisela Burghard e Berta Hemer, constando, também, entre os artistas, alguns amadores locais, e o conhecido ator de filmes nacionais, Sérgio de Oliveira, da Rádio Mayrink Veiga, representando o guardião da infeliz Maria Stuart, ex-rainha da Escócia. A peça, apresentada em idioma alemão, é vivamente aplaudida pela numerosa assistência, entre a qual se encontra o sr. bispo da diocese de Joinville, acompanhado de grande número de representantes do clero, comparecendo, também, religiosas católicas, irmãs evangélicas e muitas pessoas do interior do Vale do Itajaí, apreciadoras da arte teatral clássica.

7 — Em soirée promovida com grande brilhantismo pelo Marabá Clube, é apresentada à sociedade local “Miss Santa Catarina 1959”, a bela blumenauense Ivone Baumgarten que recebe a faixa simbólica, das mãos da srta. Carmen Ehrhard, “miss 1958”, representante de Itajaí, naquêle certame. Nessa solenidade, a que compareceram representantes dos órgãos de imprensa e rádio, o sr. Hercílio Deeke, secretário da Fazenda, representou o sr. governador do Estado. O discurso pronunciado pela srta. Ivone Baumgarten impressio-

nou muito bem ao grande número de assistentes à brilhante festa.

10 — Tendo sido criada a Junta de Conciliação e Julgamento para esta região, para cuja presidência foi indicada a dra. Daisy Ramos Pinto, o presidente do Tribunal Regional de Pôrto Alegre, a cuja circunscrição está sujeita a nossa zona, agradece em telegrama, ao dr. Marcílio Medeiros, os reais esforços e serviços que o titular da 1.ª Vara da nossa Comarca vinha, até aqui, desenvolvendo à frente da Justiça Trabalhista.

11 a 14 — Com as peças “Arte de ser Marido”, “Não casarás”, “Briga em famílias” e o conhecido “Deus lhes pague”, apresenta-se ao público blumenauense, o célebre artista do teatro nacional, Procópio Ferreira, que, como sempre acontece, agrada em cheio. Mesmo assim, a frequência aos espetáculos é medíocre, tendo contribuído, talvez, o frio reinante na época, que torna o nosso teatro um ambiente pouco atrativo.

12 — Na sala das sessões da Câmara Municipal realiza o dr. Carlos Krebs, Diretor do Departamento Nacional de Obras e Saneamento, a longamente anunciada conferência sobre o andamento dos estudos para as obras da Defesa Econômica do Vale do Itajaí, encontrando-se, em sua companhia o dr. Thiers Flemming, diretor do Departamento de Portos, Rios e Canais de Santa Catarina. Comparecem àquela sessão pública as autoridades locais, ou seus representantes, e figuras representativas de todas as classes sociais de Blumenau e outros municípios, entre estas também os prefeitos de Indaial e Rodeio e o sr. Hercílio Deeke, Secretário da Fazenda, representando o governo do Estado. Na ausência do sr. Prefeito Municipal, o sr. Maurício Xavier, diretor de “A Nação”, na qualidade de membro da comissão de Defesa do Vale do Itajaí, inicia a sessão organizando a mesa diretora. As exposições objetivas do dr. Krebs, causam a melhor impressão, tendo conseguido apontar com precisão a envergadura dos estudos para a concretização das obras de defesa, que abrangem os setores geo-econômicos do Vale do Itajaí, seus recursos naturais,

como sejam reservas minerais, solos, vegetação aquática, produção primária, indústria, transporte e comunicação, mercado regional e possível aproveitamento da energia elétrica produzida pelas obras projetadas, mostrando êsses estudos se é, ou não imperiosa e se justifica a consignação de recursos tão elevados como as obras planejadas requerem, dizendo já se encontram concluídos os estudos geo-econômicos. (Na edição de 5 de julho de "A Nação" realça-se o ponto do discurso, em que o engenheiro Krebs esclarece que nada se fará sem contínuo empenho dos governantes e legisladores da região, no sentido de não faltarem verbas necessárias para a continuação e conclusão dos estudos e das obras).

14 — Realizam-se festas populares do tipo tradicional, com barrquinhas de bebidas, comidas, rifas, e tómbolas, em dois bairros da nossa cidade: uma em Itoupava-Norte, em benefício da construção de uma igreja católica e outra em Ponta-Águda, pró instalação de um Jardim da Infância, tendo, ambos os festejos, dado lucro satisfatório.

16 — No primeiro aniversário da morte dos três eminentes políticos catarinenses, governador Jorge Lacerda, senador Nereu Ramos e deputado Leoberto Leal, no acidente do avião da Cruzeiro do Sul, caído em Muricí, perto de Curitiba, é reverenciada a memória com missa que a Rádio Nereu Ramos manda celebrar, homenagem póstuma da Câmara Municipal e em programas radiofônicos das emissoras locais, assim na "Ave Maria", da Rádio Difusora do Vale do Itajaí, etc.

17 e 18 — A famosa orquestra "Cassino de Sevilha", apresenta-se novamente ao público local, abrihantando uma soirée no Clube Náutico América e um jantar dançante no Hotel Oasis, em Pomerode.

17 a 20 — Com variado programa de seu vasto repertório, apresenta-se no palco do Cine Busch o já conhecido mágico Tupi, que, entretanto, não foi merecidamente prestigiado pelo público que compareceu em reduzido número aos espetáculos.

18 — É recebida, com satisfação, a notícia de ter o governador do Estado assinado decreto denominando a rodovia Blumenau - Gas-

par "Governador Jorge Lacerda", sob cuja administração foi iniciado o asfaltamento do referido trecho da estrada Blumenau-Itajaí.

19 — Uma frota de cinco aviões a jato da FAB é vista, pela primeira vez, sobrevoando esta região. O caso desperta a curiosidade popular, tendo os aviões deixado esteiras de fumo que, devido às condições atmosféricas, perduram por largo espaço de tempo, qual guirlandas de espuma branca no céu límpido, de intenso azul. Soube-se, mais tarde, que os aviões, que em certas posições eram visíveis como pontos negros, puxando serpentinas brancas, voavam entre 8 e 12 mil metros de altura.

20 — Realizam-se várias festividades: No G. E. Olímpico, a já tradicional festa junina, com cortejo pela rua 15 de novembro, levando os "noivos" em carro de bois, e os convidados em carros, carretas, à cavalo, etc., em trajes a caráter, ao "arraial da Alegria", à sede do Clube, onde há fogueiras e demais folguedos das festas de São João, constituindo o ponto alto das atrações o humorista Zé Fidelis. Outra festa junina é realizada pela Associação Prosdócimo, onde também se apresenta o conhecido cantor Toni Campello, contratado para um show na soirée elegante realizada na mesma noite, no Teatro Carlos Gomes, em benefício da Sociedade de Assistência aos Lázarus.

21 — A cidade é abalada pela notícia de ter sido assassinado, misteriosamente, o industrial Axel Deeke, um dos diretores e co-proprietários da firma Lorenz, com seis tiros de espingarda, no dia anterior, na sua fazenda em Apiúna, no Rio do Bode, município de Indaial, onde se encontrava caçando, em companhia de dois irmãos. Com grande acompanhamento realiza-se o enterro no cemitério evangélico, às 17 horas. O extinto era filho do sr. Caetano Deeke, que, durante muitos anos, exerceu o cargo de Inspetor de Terras e Colonização e outras comissões de responsabilidade. Era casado com D. Herta Lorenz e deixa três filhos: Hedda, casada com o sr. Victor Bona, Horst, engenheiro agrônomo, recém formado e Frederico, estudante. O extinto era muito estimado em todo o Vale do Itajaí.

K. PRAYON

FÁBRICA DE ARTEFATOS DE METAL



Artigos Sem Similares no Brasil

Rua Hermann Hering, 1.125

BLUMENAU — **Sta. Catarina**

“Blumenau em Cadernos”

MENSÁRIO DEDICADO A HISTÓRIA E AOS INTERESSES
DO VALE DO ITAJAÍ

Assinatura (12 números) Cr\$ 100,00

Número avulso Cr\$ 10,00

Administração e responsabilidade de LUIZ FERREIRA DA SILVA.

Tôda correspondência deverá ser dirigida a
Caixa Postal, 425

BLUMENAU — S. CATARINA

EMPRESA INDUSTRIAL GARCIA S.A.

BLUMENAU

—

Santa Catarina

Escritório e Fábrica :

RUA AMAZONAS, 4906 — GARCIA

Endereço telegráfico : GARCIA

CAIXA POSTAL, 22

FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE

TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E DE BANHO

TOALHAS DE MESA — PANOS DE COPA

LENÇOS — ROUPÕES — ATOALHADOS

TOALHAS ADAMASCADAS — CRETONES

OUTROS TECIDOS

VOCÊ NÃO PRECISA
SE ARRISCAR!
VOCÊ SAI LUCRANDO
SEMPRE, USANDO PRODUTOS...



CONCESSIONÁRIOS EM

— **BLUMENAU** —

CASA DO AMERICANO S. A.

MERCADO DE AUTOMÓVEIS

Nossa divisa é servir